

A GRIPE ESPANHOLA DE 1918 NO MUNICÍPIO DE LAGOA VERMELHA (RS)

LA GRIPE ESPAÑOLA DE 1918 EN EL MUNICIPIO DE LAGOA VERMELHA (RS)

Recebido em: 14/02/2024

Aceito em: 28/02/2024

Cláudio Júnior Damin¹ 
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O artigo aborda aspectos da gripe espanhola de 1918 no município de Lagoa Vermelha, localizado na região Nordeste do Rio Grande do Sul. Busca-se encontrar, através desse estudo de caso e nas fontes disponíveis, elementos que contribuam para uma melhor compreensão da dinâmica da pandemia em um município rural, desigual socialmente e afastado dos grandes centros urbanos e das estruturas hospitalares. Para cumprir o objetivo proposto é utilizada a metodologia qualitativa a partir de pesquisa bibliográfica e documental com análise de correspondências, reportagens de jornais e relatórios governamentais. O artigo conclui que a pandemia atingiu boa parte da população lagoense, provocando sofrimentos e óbitos, alguns deles identificados por serem cidadãos de prestígio entre a elite local. Houve, ainda, uma perturbação da rotina da cidade com, por exemplo, os cultos religiosos sendo suspensos por algumas semanas. Como os médicos também foram atingidos pela pandemia, caindo doentes em seus leitos, os enfermos tratavam-se sem assistência profissional.

Palavras-chave: Pandemia de 1918; História Local; Lagoa Vermelha

Resumen: El artículo aborda aspectos de la gripe española de 1918 en el municipio de Lagoa Vermelha, ubicado en la región noreste de Rio Grande do Sul. Se busca encontrar elementos que contribuyan a comprender mejor la dinámica de la pandemia en un municipio rural, socialmente desigual y alejado de los grandes centros urbanos y las estructuras hospitalarias. Para lograr este objetivo, se utiliza una metodología cualitativa basada en investigación bibliográfica y documental, con análisis de correspondencias, reportajes de periódicos e informes gubernamentales. El artículo concluye que la pandemia afectó a gran parte de la población local, causando sufrimiento y muertes, incluyendo a ciudadanos destacados de la élite local. Además, hubo una interrupción en la rutina de la ciudad, como la suspensión de los servicios religiosos durante algunas semanas. Dado que los médicos también fueron afectados por la pandemia y enfermaron, los enfermos se trataban sin asistencia profesional.

Palabras-chaves: Pandemia de 1918; Historia Local; Lagoa Vermelha

INTRODUÇÃO

A recente pandemia provocada pelo novo Coronavírus ensejou o resgate da pandemia anterior e mais recente, a da chamada gripe espanhola, ocorrida um século antes, em 1918. Dentro desse contexto, o artigo aborda aspectos da pandemia da influenza no município de Lagoa Vermelha, localizado na região Nordeste do Rio Grande do Sul. O objetivo é encontrar,

¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja. Mestre e doutor em Ciência Política pela UFRGS, atua no bacharelado em Ciências Sociais Ciência Política da UNIPAMPA e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UNIPAMPA (mestrado profissional). Tem concentrado sua trajetória como pesquisador em temas como os poderes de guerra nos Estados Unidos, neoconservadorismo, poderes emergenciais em democracias, estado de exceção, políticas públicas, Estado Islâmico, Iraque e eleições. E-mail: claudiodamin@unipampa.edu.br

através desse estudo de caso e nas fontes disponíveis, elementos que contribuam para uma melhor compreensão da dinâmica da pandemia em um município rural, desigual socialmente e afastado dos grandes centros urbanos e das estruturas hospitalares.

Para cumprir o objetivo proposto será utilizada a metodologia qualitativa a partir de pesquisa bibliográfica e documental com análise de correspondências, reportagens de jornais e relatórios governamentais. Sublinhe-se a utilização de edições do jornal *A Ordem*, em circulação em Lagoa Vermelha em 1918 e 1919, e de carta do pastor luterano Rodolfo Hasse e diários de padres capuchinhos.

Além desta Introdução, o artigo está organizado em três seções. Na primeira são abordadas as narrativas sobre a chegada da gripe em Lagoa Vermelha no final de 1918 e as suas consequências para a população e interferência na rotina do município. Após realiza-se um esforço de resgate dos poucos registros relativos a óbitos de moradores, confirmando a letalidade do vírus. Por fim, são tecidas rápidas considerações finais sobre os achados da pesquisa.

A “HESPANHOLA” INVADE O MUNICÍPIO

“LAGOA VERMELHA, 22 - Está em completo declínio a influenza espanhola neste município, tendo sido raros os casos fatais”, publicou o jornal *A Federação*, de Porto Alegre, em sua edição de 23 de dezembro de 1918. Trata-se de um dos registros sobre a ocorrência da epidemia no município gaúcho de Lagoa Vermelha que à época foi também invadido pela gripe que matou, a partir dos primeiros meses de 1918, milhões de pessoas no mundo.

Em meados de agosto de 1918, com a Europa atravessando os últimos meses da Primeira Guerra Mundial, uma segunda onda da epidemia gripal, desta vez muito mais letal que aquela registrada no início do ano, começou a disseminar-se e um mês após, em outubro, ela já havia afetado todos os continentes (Abrão, 1998). No Brasil ela chegou em setembro a bordo da tripulação e passageiros do navio *Demerara*, de bandeira inglesa, que atracou em Recife, Salvador e Rio de Janeiro (Abrão, 1998).

No Rio Grande do Sul a doença chegou em uma quarta-feira, 09 de outubro de 1918, através do porto de Rio Grande, e após, em 23 de outubro, pela Estação Ferroviária de Marcelino Ramos. Borges de Medeiros, o presidente do estado, assim resumiu a chegada do vírus:

A invasão da terrível epidemia verificou-se em outubro, primeiro pelo porto do Rio Grande, logo depois pela estação ferroviária de Marcelino Ramos, e a sua ação devastadora se fez sentir, na capital e no interior, com maior intensidade, durante o mês de novembro (Borges De Medeiros, 1919, p. 13).

A gripe atingiu, em graus distintos de intensidade, todos os municípios gaúchos. Em 1918, segundo a estatística oficial, Lagoa Vermelha possuía uma população calculada de 25.500 habitantes e uma extensão de 6.700 km², cinco vezes maior que o tamanho atual do município (Alves, 1919). Seus principais povoados eram Sananduva, Protásio Alves, Cacique Doble, Forquilha, Três Pinheiros, Barracão e Clemente Argolo.

Município de grande extensão, a maior parte da população morava em seus nove distritos e na zona rural. Na vila, que hoje poderíamos considerar como sendo a cidade ou sede do município, moravam apenas 1.200 pessoas, ou seja, 4,7% do total da população de Lagoa Vermelha em 1918. Em termos comparativos, Vacaria também possuía em sua sede 1.200 pessoas, Caxias do Sul 4.500, Passo Fundo 7.600 e Porto Alegre 163.500. Com 192 edificações urbanas, a vila de Lagoa Vermelha possuía uma densidade de 6,3, ou seja, mais de 6 pessoas moravam em um mesmo domicílio (Alves, 1919).

Os registros indicam que a vila de Lagoa Vermelha fora fortemente atacada pela gripe espanhola. Sabe-se disso devido a um pastor luterano de nome Rodolfo Hasse que chegou em missão a Lagoa Vermelha no momento em que a influenza se espalhava pelos municípios do Rio Grande do Sul. Karnopp (2018), que escreveu o impactante livro sobre a presença dos luteranos em Lagoa Vermelha, e o conflito daí surgido com a Igreja Católica de 1918 a 1928, destaca que o pastor Hasse chegou com sua família na vila no dia 30 de outubro de 1918, bem no meio da epidemia.

Hasse foi, segundo Karnopp (2018, p. 26), o “primeiro pastor que falava fluentemente a língua portuguesa”, e deixou informações preciosas sobre a gripe em artigo na revista Mensageiro Luterano e em carta enviada ao pastor luterano responsável pela missão em Erechim.

“Logo que aqui cheguei”, diz o pastor Hasse (1919, p. 11), “também Deus preparou-me o campo com a “hespanhola”, para que pudesse trabalhar com mais sucesso”, salientando ainda que “muitos já aguardavam o leito, agredidos pela moléstia” e outros lagoenses “pavorizados pela mesma, não abandonavam os seus lares; e ao cabo de poucos dias não havia quase casa, onde a miséria e angústia não reinava”.

A partir do relato do religioso luterano, que chegou à vila da Lagoa Vermelha no fim de outubro, pode-se dizer que a epidemia, no início de novembro de 1918, já havia se alastrado aos moradores da vila, não se sabendo precisar qual o número de contaminados. O relato de Hasse, no entanto, é dramático, como se toda a vila tivesse de alguma forma se contaminado, seja pela doença, seja pelo pavor de ser infectado e morto pelo vírus.

Os cultos da igreja luterana foram suspensos na cidade por quatro semanas e o pastor então iniciou “a nobre tarefa de visitar os enfermos desde a manhã até a alta noite”, já que ele e sua família foram poupados pelo “bom Deus” daquela “terrível epidemia”, não sendo contaminados (Hasse, 1919, p. 11). O “serviço divino habitual” foi retomado a partir do dia 15 de dezembro, concluindo-se que os cultos foram suspensos a partir da segunda quinzena de novembro.

Em carta escrita à mão a 30 de novembro de 1918 pelo pastor Hasse e endereçada ao colega pastor John Busch responsável pela assistência dos luteranos de Erechim, o religioso detalha a situação da vila de Lagoa Vermelha em meio à epidemia:

Aqui [a influenza espanhola] invadiu quase todas as casas, visto por vezes que não ficou uma só pessoa de pé para cuidar os doentes; mas casos de morte ainda não houve; todos médicos estão atacados de maneiras que cada qual deve procurar seus próprios meios (Hasse, 1919, p. 11).

Esse trecho da missiva, cedida pelo Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, revela outros aspectos importantes sobre o ataque da gripe na sede do município de Lagoa Vermelha. Em primeiro lugar, que ela atingiu boa parte dos domicílios, em segundo que a doença acometia vários membros de uma mesma família, quando não a família inteira, por terceiro que os médicos também adoeceram, o que não permitiu um tratamento mais adequado da população e, por fim, que óbitos ainda não haviam ocorrido em 30 de novembro, data da redação da carta. O pastor Hasse e sua família teriam sido um exemplo raro de habitantes da vila que não adoeceram.

Através da análise das páginas do jornal A Ordem, órgão de imprensa oficial da facção política do intendente Maximiliano de Almeida, em suas raras edições preservadas de 1918 e 1919, é possível mencionar alguns médicos atuantes no contexto da pandemia. São identificados, a partir de anúncios publicados no jornal, ao menos cinco profissionais. José Gabriel Nicolau Merib apresenta-se, por exemplo, como “médico, operador e parteiro” formado

em 1888 na Universidade do Cairo “conforme diploma em seu poder e com seis anos de prática no hospital da mesma cidade” (A ORDEM, 04-07-1918). Já J. Carlos Lopes apresenta-se como “médico de operador” formado pela “Faculdade médico-cirúrgica de Porto Alegre” e “ex-interno do Hospital de Misericórdia da Capital do Estado”. Em seu anúncio destaca possuir “casa de saúde e farmácia própria”, a chamada Farmácia Brasil (A ORDEM, 04-07-1918). Outro médico morador de Lagoa Vermelha era o dr. Ivo Barbedo, que se apresentava como ex-interno do Hospital de Misericórdia de Porto Alegre com especialidade em ginecologia e cirurgia geral (A ORDEM, 04-07-1918). Havia, ainda, o dr. Alfredo Augusto Pastori, “médico, operador e parteiro” e “Clínica médica- cirúrgica” comandada pelo dr. Braz Limongi, localizada no Capão Bonito, e “especialista em moléstias do aparelho respiratório” (A ORDEM, 10-01-1919). Todos esses profissionais atendiam a qualquer horário do dia ou da noite, e o dr. Merib e Braz Limongi destacavam, em seus anúncios, que o atendimento aos pobres era gratuito, sem qualquer custo. Na narrativa do pastor Hasse, esses médicos estiveram, durante a pandemia, acometidos pela gripe, sem condições de prestarem atendimento médico aos lagoenses.

Os registros do jornal A Federação, órgão do Partido Republicano Riograndense, agremiação que dominava toda a política estadual e também municipal de Lagoa Vermelha, curiosamente mostram que o município não parou todas as suas atividades em função da epidemia.

No sábado, 09 de novembro, o impresso noticiava que o Conselho Municipal, que hoje equivaleria a nossa Câmara de Vereadores, presidido por Paulino Alves Pereira, capitão da Guarda Nacional, havia instalado seus trabalhos para “elaboração orçamento receita despesa 1919, tomando conhecimento relatório intendente exercício 1917 e 1918 até setembro” (A FEDERAÇÃO, 11-11-1919).

O cargo de intendente, que hoje equivale ao de Prefeito Municipal, era ocupado à época pelo coronel Maximiliano de Almeida que havia sido eleito pelo Partido Republicano Riograndense em 1912 e reeleito em 1916 para governar até 1920 (Dias de Moraes, 1987). Chama atenção que o coronel Maximiliano foi padrinho de um casamento realizado na segunda-feira, dia 25 de novembro de 1918, entre o capitão Pedro Pimentel e Alayde Nunes, que era filha do tenente-coronel João Lúcio Nunes, em 1889 eleito o primeiro presidente do Club Republicano da Lagoa Vermelha (A FEDERAÇÃO, 27-11-1918). Não há maiores detalhes sobre esse acontecimento ou se houve uma festa; a notícia de A Federação trata como um “ato” que também foi paraninfado pelo tenente Gabriel Tigre.

Conforme já mencionamos anteriormente no artigo, mais de 90% da população de Lagoa Vermelha não morava na vila, mas sim em outros distritos e colônias italianas. Toda essa população era assistida espiritualmente pela Igreja Católica através dos frades capuchinhos. Em 1918 nenhum padre católico morava na vila de Lagoa Vermelha.

Frei José Cherubini era, desde o ano de 1915, o vigário, porém residia em Sananduva, a próspera colônia italiana distante 50 km da sede do município (Barbosa, 1981). A vila, portanto, encontrava-se grandemente desassistida de serviço religioso católico já que o vigário não morava nela e junto com seus freis cooperadores precisava atender outras capelas. Esse desleixo com a vila por parte da Igreja Católica foi um dos principais fatores que levaram à introdução dos luteranos em Lagoa Vermelha a partir de 1918 (Karnopp, 2019).

Gentil de Giacometti foi um dos religiosos católicos que testemunhou a gripe espanhola nos distritos de Lagoa Vermelha. O Frei possuía residência em Sananduva e era vigário cooperador da Paróquia de Lagoa Vermelha. Sua missão era atender localidades da região Nordeste do estado, cujos territórios pertenciam ao município de Lagoa Vermelha. O frade narra que em outubro de 1918 “rebentou também em Sananduva a famosa Espanhola”, numa referência direta à gripe (Frei Gentil *apud* Costa; De Boni, 1996, p. 301). Mesmo que não estivesse se sentindo muito bem, conta ele: “lancei-me em uma viagem de um mês, sempre pela colônia italiana”.

Nessa viagem, Frei Gentil permaneceu por dois dias na Linha Lajeado Urtiga, hoje município de São João da Urtiga, “em grande parte de cama, com febre”. Após foi a Lajeado Bonito onde ficou por três dias, segundo ele, “apenas rezando a missa e permanecendo depois na cama”. Ele narra que desejava retornar a Sananduva em função de sua doença, porém observou uma melhora em sua saúde e partiu para Paim Filho, depois a São José [do Ouro]. “Caminhava sempre e trabalhava, mas com febre relativamente alta”, rememora o capuchinho que deu nome ao atual município de Gentil. Ele retornaria a Paim Filho em 27 de outubro de 1918, bem no meio da epidemia, para inaugurar a igreja do povoado.

No meio de sua viagem o Frei Gentil recebeu de “um moreno”, em São José, uma “carta episcopal” que o “encarregava de Getúlio Vargas”. Ele deveria assumir, pois, a igreja de Getúlio, que à época pertencia ao município de Erechim. Ele conta que permaneceu apenas mais um dia em Cacique Doble e retornou a Sananduva.

Cheguei mais morto do que vivo. Meu superior percebeu de imediato que havia contraído a febre espanhola, mas nem mesmo ele suspeitava, porque o bispo pedia que fosse imediatamente tomar posse da nova paróquia [a de Getúlio Vargas]. (Frei Gentil *apud* Costa; De Boni, 1996, p. 301)

A febre, por diversas vezes mencionada pelo Frei Gentil, era um dos sintomas da gripe espanhola. Em uma circular enviada a todos os intendentes municipais, em 1º de novembro de 1918, Protásio Alves, médico renomado, vice-presidente do Rio Grande do Sul e Secretário do Interior do presidente Borges de Medeiros, destacava que outros sintomas da moléstia seriam a tosse quando atacasse o aparelho respiratório e vômito e diarreia quando o aparelho digestivo fosse o prejudicado. “No começo tem a aparência de forte resfriamento vulgar”, escreveu Protásio Alves (A FEDERAÇÃO, 01-11-1918).

Ele também deu as seguintes instruções sobre “a moléstia eminentemente contagiosa”:

- A pessoa que sentir-se acometida da moléstia deve recolher-se ao leito, agasalhar-se sem excesso, e sobretudo facilitar a renovação constante do ar do aposento. A resistência orgânica é a melhor defesa contra o gérmen da moléstia. Para isso é necessário que o ar respirado seja o mais puro, livre de confinamento (A FEDERAÇÃO, 01-11-1918).
- Em um quadro clínico mais agudo, “quando a temperatura se elevar muito e as dores forem intensas”, dr. Protásio Alves recomendava o uso “3 vezes ao dia” de uma “cápsula” formada por quinino, pyramidon, cafeína e benzoato de sódio. E, “quando terminada a moléstia, convém desinfetar roupas e objetos que tenham servido aos doentes” (A FEDERAÇÃO, 01-11-1918).

O capuchinho Pedro Aleixo Polesso foi outro religioso que testemunhou a epidemia nos povoados pertencentes a Lagoa Vermelha. A 8 de dezembro de 1918 o Frei chegou a Sananduva para ser o vigário cooperador e “a gripe espanhola estava grassando pavorosamente” (Frei Pedro Aleixo *apud* Costa; De Boni, 1996, p. 303).

Ele conta que “em dois dias e três noites” visitou “13 doentes, sempre no lombo do cavalo” e que “na terceira noite, foi-me impossível resistir ao sono”, caindo do cavalo e sendo “obrigado dormir algumas horas num capão”. As solicitações dos doentes para visitar eram muitas, bem acima da capacidade de atendimento dos religiosos disponíveis. Frei Pedro Aleixo destacava que, além de cuidar de Sananduva, “devia ajudar também o pároco de Lagoa Vermelha e o de Getúlio Vargas”.

O capuchinho sublinhou em suas memórias que no povoado chamado sede Teixeira, que hoje é o município de Tapejara, “famílias inteiras foram acabadas pela febre espanhola”. Reforça, no entanto, que mesmo uma doença perigosa, “na colônia italiana poucas foram as vítimas da Espanhola” e que semanas após sua chegada como frade a Sananduva, em dezembro de 1918, “os padres começaram a exercer regularmente o sagrado ministério com grande proveito para as almas” (Frei Pedro Aleixo *apud* Costa; De Boni, 1996, p. 303).

VÍTIMAS DA PANDEMIA

Antes da chegada de Frei Pedro Aleixo já havia sido registrado um óbito por gripe espanhola na colônia de Sananduva. Uma nota do jornal *Staffetta Riograndense*, publicado em italiano, informou que “em 24 de novembro, toda a Sananduva estava de luto” pela morte de Amilcare Vecchi (STAFFETTA, 05-12-1918). Segundo o impresso, “a influenza espanhola levou [de Sananduva] um de seus homens mais estimados e influentes, seu subdelegado de polícia imparcial e justo”. Vecchi era, ainda, comerciante e agente consular da colônia italiana e, como todo bom colono, “cristão praticante”.

O subdelegado “sofreu 5 dias” e “sua alma morreu em paz no domingo, 24 de novembro, às 5 e meia da manhã”. Sabendo que iria perecer pela peste, “ele próprio chamou o Padre para confessar e receber a extrema-unção”. A *Staffetta* ainda diz que “à noite, às seis e meia, ele foi levado para sua última casa, acompanhado solenemente por quase toda a cidade” (STAFFETTA, 05-12-1918). Interessante esse ponto, já que indica não ter havido velório e ao mesmo tempo ter existido suposta aglomeração de pessoas em cortejo para seu sepultamento, o que é temerário em tempos de epidemia. Vecchi era casado e possuía filhos.

Uma outra edição da *Staffetta*, datada dos primeiros dias de janeiro de 1919, registrava mais uma morte em Sananduva. Tratava-se de um jovem de nome Angelo Brunetto que havia falecido por gripe espanhola em 8 de dezembro de 1918 aos vinte anos de idade (STAFFETTA, 09-01-1919).

Em sua primeira edição de 1919, o jornal *A Ordem* registrava o falecimento de Emiliano Antonio da Costa. Morador de Santa Rita, no 1º distrito do município, o jovem “faleceu atacado da influenza hespanhola” e sua morte foi “muito sentida” por ser uma pessoa com prestígio na localidade (A ORDEM, 01-01-1919).

Na edição de 25 de janeiro de 1919 do jornal *A Ordem*, o redator publica informações sobre vítimas da pandemia, em particular em Clemente Argolo, então 5º distrito do município.

Naquela localidade, informa o impresso, “a influenza espanhola infelizmente tem grassado com caráter assaz maligno, tendo vitimado diversas pessoas” (A ORDEM, 25-01-1919). São citados, em particular, dois homens, sendo um deles médico, e uma mulher.

Em dezembro de 1918 faleceu “atacado pela influenza” Francisco Bento, conhecido popularmente como Chico Bento. A 06 de janeiro de 1919 registrou-se, por sua vez, a morte de Amélia Feijó, ainda solteira, irmã de Arthur de Souza Feijó. E a 11 de janeiro registrou-se a morte de João Baptista Ferreira, caracterizado como “distinto moço”, muito conhecido no município particularmente porque era um “clínico, profissão que havia abraçado e que vinha exercendo-a com critério, dedicação e humanidade”, registra o jornal (A ORDEM, 25-01-1919).

Infelizmente não se conseguiu resgatar qualquer registro de óbito na vila de Lagoa Vermelha – isso, obviamente, não significa que as mortes não tenham ocorrido na sede do município.

As estatísticas de óbitos em todo o vasto território do município de Lagoa Vermelha, no entanto, mostram um crescimento em relação ao ano anterior. Em 1917 foram registradas 221 mortes, sendo que em 1918 esse número foi maior e atingiu 250 falecimentos. A variação superou os 10% no número de mortos.

O próprio dr. Protásio Alves, em seu relatório sobre o Rio Grande do Sul em 1918, ao diagnosticar o crescimento do número de óbitos, concluiu que “a agravação da mortalidade geral em 1918, é fora de toda dúvida, que a sua principal causa foi a gripe ou influenza espanhola, que, extremamente contagiosa, como foi, alastrou-se rapidamente por todo o Estado, nos últimos três meses do ano” (Alves, 1919). Ainda segundo as estatísticas oficiais, 90% de todas as mortes em 1918 ocorreram no domicílio dos doentes e não em casas de saúde. À época, portanto, era muito comum que as pessoas morressem em suas casas, aos cuidados de suas famílias muito em função da fragilidade do sistema público e privado de saúde.

Em Lagoa Vermelha, conforme mostramos ao longo do artigo, a gripe atacou o município mais fortemente em outubro, novembro e dezembro. Às vésperas do Natal de 1918 ela já estava “em completo declínio” no município, conforme relatava a edição do jornal A Federação de 23 de dezembro. O medo da morte já havia passado, tanto que veterinários, em meados de dezembro, já faziam “excursão pelo município, vacinando o gado contra carbúnculo hemático”, uma zoonose mortal, também chamada de “febre esplêndida”, em companhia do intendente Maximiliano de Almeida, ele próprio um pecuarista. Em todo mundo estima-se que

a influenza espanhola tenha vitimado 20 milhões de pessoas, cerca de 1,5% da população. O fim da epidemia ocorreu em janeiro de 1919.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo investigou a pandemia da gripe espanhola de 1918 no município gaúcho de Lagoa Vermelha. Mesmo com uma significativa limitação de fontes e registros, foi possível resgatar determinados aspectos da pandemia na localidade, identificando alguns de seus impactos. Saliente-se, nesse ponto, a importância do relato de testemunhas oculares, como o pastor luterano Rodolfo Hasse e os frades capuchinhos, que oferecem uma visão sobre o impacto do vírus na zona urbana do município e em seus distritos, respectivamente.

A doença, por esses relatos, atingiu boa parte da população lagoense, provocando sofrimentos e óbitos, alguns deles identificados por serem cidadãos de prestígio entre a elite local. Houve uma perturbação da rotina da cidade com, por exemplo, os cultos religiosos sendo suspensos por algumas semanas. Como os médicos também foram atingidos pela pandemia, caindo doentes em seus leitos, os enfermos tratavam-se sem assistência profissional.

Assim como chegou, em outubro de 1918, a pandemia acabou no início de 1919, deixando toda uma comunidade marcada pelo medo da morte, da “hespanhola”. Cada município gaúcho, vale destacar, apresentou sua própria dinâmica e reação contra a pandemia de 1918 e o artigo, ao abordar o caso de Lagoa Vermelha, buscou contribuir para uma compreensão mais ampla desse evento histórico que retornou ao debate público a partir da pandemia do novo Coronavírus.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. **Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ALVES, Protásio. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros Presidente do estado do Rio Grande do Sul em 30 de agosto de 1919**. Porto Alegre: Oficinas gráficas d`A Federação, 1919, Volume I.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Nova História de Lagoa Vermelha**. Porto Alegre: EST, 1981.

BORGES DE MEDEIROS, Antonio Augusto. **Mensagem e proposta de orçamento enviadas à Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oficinas gráficas d`A Federação, 1919

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST, 1996.

DIAS DE MORAES, Demétrio. **Os intendentés**. Jornal Gazeta Popular. Lagoa Vermelha - RS, Sábado, 17 de outubro de 1987.

KARNOPP, 2019. **Luteranos em Lagoa Vermelha: um século de esperanças**. Passo Fundo: Souzagraf, 2018.

REVISTA MENSAGEIRO LUTHERANO. Edição de 01 de fevereiro de 1919, ano 2, n.3.

JORNAIS

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. Edição do dia 11-11-1919.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. Edição do dia 23-12-1918.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. Edição do dia 27-11-1918.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre. Edição do dia 01-11-1918.

A ORDEM. Lagoa Vermelha. Edição do dia 25-01-1919.

A ORDEM. Lagoa Vermelha. Edição do dia 04-07-1918.

A ORDEM. Lagoa Vermelha. Edição do dia 10-01-1919.

STAFFETTA RIOGRANDENSE. Vila de Garibaldi. Edição do dia 05-12-1918.

STAFFETTA RIOGRANDENSE. Vila de Garibaldi. Edição do dia 09-01-1918.

STAFFETTA RIOGRANDENSE. Vila de Garibaldi. Edição do dia 05-12-1918.

STAFFETTA RIOGRANDENSE. Vila de Garibaldi. Edição do dia 09-01-1918.